

Redacção, Administração e Proprietária  
CASA DO GAIATO PAÇO DE SOUSA  
Composto e impresso na  
TIPOGRAFIA DA CASA DO GAIATO—Tel. 5 Cete

Director e Editor  
PADRE AMÉRICO  
Vale do Correio para CETE



# Gaiato



Visado pela  
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO VI—N.º 148  
PREÇO 1\$00

## AQUI LISBOA

Cuidava eu que amainassem os nossos trabalhos quando para os outros acabassem as férias. Mas não. Os trabalhos vão sempre aumentando na medida em que a barca vai crescendo.

Ainda não parou a bicha, antes tende a aumentar, dos que pedem aqui abrigo, e já outra bicha se forma ao lado desta, igualmente assustadora—a dos que pedem trabalho.

Se custa dizer a uma criança: não podes ficar, que não tens lugar; não custa menos dizer a um chefe de família: impossível dar-lhe trabalho. Vá com Deus. E não há dia em que não venham muitos deles, com as mesmas aflições.

Vêm de Portugal inteiro: uns que pedem delicadamente, outros que insultam e ameaçam—*temos que ser ladrões à força*. Há quem chore e faça chorar—sou do norte, deixei mulher e filhos sem sustento, e agora nem para mim ganho... E mostram o calçado e o fato a cair aos pedaços.

—Mas homem, vá para a sua terra!

—Tenho vergonha de voltar sem dinheiro e mais sujo do que vim. Por lá é a mesma coisa, também se não ganha...

E, se sucede trazerem a família, o problema é mais angustiante ainda. Sem casa, sem dinheiro, sem trabalho, sem amigos—eles aí vão parar às furnas e a bairros excêntricos, onde, em pouco tempo, se lhes vai a fé, a educação e a vida morigerada que através de séculos foi guardada e transmitida ciosamente pelos antepassados. Por lá os vamos encontrar, degenerados física e moralmente, ateus, revoltados.

Até aqui a questão social mais aguda era a do salário justo e familiar; agora que as soluções adoptadas vão melhorando este aspecto do problema, surge o fantasma do desemprego que me parece igualmente temível.

Diz-se que é a crise internacional, que é a estiagem, a lei do inquinato, a falta do capital e não sei que mais, mas quero crer que tudo vem do medo e do egoísmo. O capital é como o caracol que, quando já não tem folha de hortaliça tenra para roer, encolhe os tentáculos e, fechado na concha, vai abrigar-se na fenda de algum muro velho e solapado. Fraca segurança.

Não manda assim o Evangelho. Ai dos que escondem o talento no buraco da parede! O lenço com que o envolvem, fica ensopado nas lágrimas dos que precisam. Daí a maldição.

Não queremos para nós tal anátma, e, por isso, indo além do que humanamente a prudência aconselha, abrimos as portas a quantos tem sido possível assalariar. Uns levantam o casal agrícola, outros restauram velhos muros, calçadas, tectos e caixilharia. E' uma chusma os que trabalham no campo, em pedreiras, em fornos de cal, em oficinas de canteiro etc. etc.

Dar trabalho pode e deve ser uma nobre missão do capitalista e do industrial e de qualquer proprietário.

Obra de Justiça primeiramente e depois, —Obra de Misericórdia.

Não consta da lista, mas é actualmente



Melhor do que isto não há.  
Ele é do Casa do Gaiato de Miranda.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

a primeira das Obras de Misericórdia porque encerra todas as outras.

Pouco é dar um pedaço de pão ou um copo de água em comparação do que faz qualquer empresa que alimenta e veste famílias e famílias cujo chefe recebe o justo salário.

Dar trabalho—mais do que visitar os presos—é impedir que muitos vão parar à cadeia; mais do que visitar os doentes, é impedir as doenças e o hospital.

Dar trabalho—mais do que enterrar os mortos—é evitar a morte lenta e prematura de tantos que só com o suor do seu rosto, ganham, dia a dia, o próprio sustento e o dos seus.

Passei há dias por Leiria. Como bairrista que sou, interessa-me tudo o que lhe diz respeito. Não tem faltado ocasiões de discordar do que por lá vai em matéria de assistência, mas isso não vem hoje para aqui. Por agora quero apenas *alumiar*, como o povo diz, o gesto nobre dum senhor que ali fui procurar.

Um grupo de operários trabalhava cuidadosamente junto do prédio do referido amigo.

—Está por cá o Snr. F.? perguntei.

—Não, o nosso patrão não está.

Impressionou-me este *nosso* que estamos tão habituados a ouvir aos nossos rapazes, quando falam da *nossa casa*, dos *nossois bois*, do *nosso carro*. Havia ali o quer que fosse que significava carinho e gratidão.

Vim a saber depois: a fábrica paralizava três dias por semana por falta de energia, e, o patrão, em vez de despedir os operários, *inventava* trabalho para lhes pagar a semana inteira. Daí a gratidão dos humildes operários que conseguiam assim equilibrar a economia familiar.

Muito bem, meu senhor; continue!

Não sei se vai à missa, mas o seu proceder é cristão cem por cento. Aos que usam de misericórdia, fará Deus misericórdia.

P.º Adriano

## O que nos dão no Tojal

Estamos a receber todos os dias os frutos da generosidade dos amigos da criança abandonada. Eles alegram-se por dar. E nós que mais do que ninguém gostaríamos experimentar essa alegria temos de a trocar por uma tristeza: ter de negar.

Quando estes amigos da criança pedem um lugar para a que por lá anda a roubar ou a mendigar o seu sustento, nós somos forçados a dizer que não. Desiludimos os amigos da criança que sofre.

Tem sido ultimamente o maior tormento. Somos pequenos demais para tanta miséria.

Eu bem me esforço por envolver de palavras doces as negativas que tenho de proferir. São dores que deixo no coração deles, bem sei, mas que ao menos sejam dores suavizadas.

Em paga, vamos continuando a receber. É que o amor, quando assediado por contradições, em vez de diminuir, aumenta.

Acontece assim com o amor de Deus no nosso próximo, quando ele é verdadeiro.

A tipografia—obra de amor, continua a ter aqui os seus contribuintes. São parafusos. Recebemos dois pequenos de vinte escudos e outro maiorzinho de cem e ainda outro de igual quantia.

Este último é de alguém que, segundo diz, já os devia ter enviado se não tivesse que pagar primeiro aos médicos e farmácia.

—Um casal de Queluz apareceu aqui a protestar. É que têm dado à Obra com generosidade e os senhores da redacção do *Famoso* resolveram apelidá-los de caloteiros de maneira muito irreverente.

Os senhores não se zangaram é verdade, mas fizeram uma delícia do protesto em que tudo foi esclarecido a pontos de ficarmos como dantes.

Dos 500 escudos que deixaram são destinados, duzentos à tipografia, e trezentos são para minorar as fúrias dos senhores da Redacção.

Oxalá assim suceda.

—Roupas também vêm chegando. De uma família recebemos dois casacos, um colete, e cotim e fazenda e riscado e roupas de lã e algodão e em muito bom estado.

De outra família que por ser numerosa sabe das necessidades de uma Casa destas, vieram-nos dois casacos e camisas e pijamas e sete pares de calções.

O Montepio foi por várias vezes aliviado dos embrulhos que por lá vão caindo. Foram roupas, sapatos, e escovas de dentes, fatos usados, artigos fotográficos, papagaios e não sei que mais.

A sala de pensos vai dia a dia adquirindo elementos. Desta vez foram algodões, empermeáveis esterelizados que os senhores da SPECIA nos enviaram. Tudo óptimo para o género de doenças mais frequentes.

E agora uma carta de amor concebida nestes termos:

*Envio um vale de correio, com a importância da venda de uma moeda em ouro, que eu tinha em meu poder há trinta e nove anos, e pela qual tinha a maior ternura pois tinha sido dada pela minha mãe no dia do meu casamento.*

*O produto da dita moeda tinha que ser aplicado em qualquer boa Obra e apesar de haver muitas, muito boas e que eu muito acarinho, não sei por quê foi a Obra do Gaiato a que a dediquei.*

(Continua na 2ª página)

# CARTA DO BRASIL A NOSSA TIPOGRAFIA

A magnífica estrada que vai de S. Paulo a Santos, passa por sítios cuja beleza não se descreve nem se discute. Quem tiver a faculdade de receber, enche-se e não pode falar. Quem não tiver, passa e não dá fé de nada.

Do alto da serra por onde caminhávamos, deram os meus olhos numa imensidão de água que eu tomei por ser o mar. Nós íamos para Santos. Santos é o porto de S. Paulo. A conclusão do que via, não estava mal tirada; ali era o mar. Pois não era nada. O senhor do automóvel explicou-me tudo. É uma barragem de exploração Canadiana, se não estou em erro. *Light and Power* é o nome da firma. Luz e Poder se me dão licença de traduzir. As águas são captadas no vizo das serras e despeñam-se em cataratas nuns sítios, e noutros, correm por grandes tubos. São Paulo anda cheio do nome daquela firma, que eles designam simplesmente *A' Light*; porque também aquela firma enche S. Paulo de luz e de força. Entre muitas outras coisas, observei que a bicha interminável de auto-carros entre S. Paulo e Santos, é obra de *A' Light*. Enquanto o nosso carro desliza e eu vejo aquelas maravilhas de grande indústria, ia ao mesmo tempo pensando se houve realmente necessidade de terem chamado o Canadá para vir dar luz e força ao maior Estado do Brasil.

Ao meio dia estávamos em frente da Câmara Municipal a que os brasileiros chamam Prefeitura. Há muitas e muitas palavras que sendo iguais, significam coisas diferentes. Eu andava sempre com muita cautela quando tinha de falar em público, não fôsse destoar.

Não é preciso ver muito longe para notar, à primeira vista que a cidade de Santos têm o sabor português e foi feita por portugueses. A traça é a de qualquer das nossas cidades antigas. O porto de mar é uma coisa muito grande; falaram-me em dez quilómetros de cais acostável. É a porta por onde sai o café. O que mais se vê são armazéns de café. Agora não, mas até há pouco, muitos dos nossos irmãos perderam ali as forças a carregar sacos dele. Para ir do cais à praia temos de atravessar a cidade. Mal se sai dos bairros comerciais, entra-se nos residenciais. Tanto aqui como nas outras cidades que me foi dado visitar, estes bairros são verdadeiros ninhos de beleza e de conforto. Cada casa é uma novidade. Lá por dentro não se fala. Eu tive a feliz oportunidade de entrar em algumas e não sei dizer como lá é. Aqui, foi na dum senhor de Miranda do Côrvo que ali reside há mais de meio século. Era ele e os filhos e as noras e os netos. A dona de casa manda sentar à mesa e é ela mesma quem faz cada prato a cada um dos que se sentam. Isto observei em todas as famílias aonde nos foi dado o prazer de tomar uma refeição; Zé Eduardo andava sempre comigo. Eu admirava a tarefa e saboreava a imensa alegria e interesse com que as donas de casa servem os seus hóspedes.

A comida dos brasileiros, é muito sóbria e muito inteligente. Não há comensinas. Não há luxo nem variedades. Há o preciso.

A praia de Santos é o mar dos Paulistas. É orlada de hotéis elegantes e bem servidos, sem luxo desmarcado. Digo isto por que ficamos em um deles, por favor especial do dono que nos convidou. Começa a debuchar-se aqui e ali seu arranha-ceus. No Brasil há a tendência geral de construir esta forma de habitações. No Rio, por exemplo, a praia de Copacabana mostra uma fiada deles de ponta a ponta. Alguns são chamados de grande luxo.

Toda a gente sabe, mas eu não sabia, que um dono destes prédios, pode vender andares ou alojamentos em sistema de condomínio. E vendem. Assim é que existem centenas de pessoas instaladas, podendo muito bem acontecer que levem a vida inteira, sem darem fé que são vizinhos.

Não há lareira. Não dão nem emprestam. Não se ouve gemer nem rir. Se alguém perde a dracma, não tem janela aonde apareça nem vizinhos por quem chame, a dizer da sua alegria. É uma tristeza; uma vida desconsolada. São fachadas aonde vivem os incommunicáveis.

Como noutras terras, também nesta me convidaram e eu fui ver um asilo e um patronato que ali existem. Tudo no seu lugar, menos o sítio. Com tanta extensão de terrenos de cultura, toda agente se inclinaria para que estas multidões de rapazes gozassem inteiramente

de um do Porto a valer por três. E um de Madrasta a valer por dois. Madrasta é na Índia. E' nos confins. Mais o *jovem rico e sua noiva* com uma nota de quinhentos. Este jovem rico tem aparecido várias vezes em pacotes e em missivas e nunca vem sosinho... E' concerteza um senhor rico das verdadeiras riquezas, porque se o fôsse das falsas, ou não dava a ninguém, ou daria mui pouco delas. Mais cento e cinquenta. *pelos melhoras do meu marido*. E Ermesinde; *sou pobre, tive de esperar para poder amealhar*. Aqui temos outro rico verdadeiro; fez cem escudos de migalhas. Por cada pequenina moeda que ela guardava, tinha necessariamente um pensamento de alegria a encher-lhe a alma. E da Capinha; *são dados da alma, pois é dum Beirão que vai a nota*. Mais esta carta, de onde retirei uma nota de quinhentos:

Um pároco vizinho de Leiria sente a grande satisfação de enviar esta esmola para ajudar V. na Santa Missão a que se votou—salvar os corpos e as almas dos nossos irmãos abandonados nas terras da Metrópole. Eu também queria ser salvador dos nossos irmãos abandonados na nossa África mas, não sendo digno de tal graça, irei ajudando o melhor que eu poder, os que por cá e por lá se dedicam a recolher e salvar o que foi abandonado e que pode vir a ser de maior valor de vós! Que esta esmola para a nossa Tipografia seja em desconto dos meus pecados, pela conversão dos pecadores e pela santificação dos sacerdotes.

Isto quer dizer que os que não podem ir podem, sim, mandar. Assim fez este sacerdote. Não é em vão que ele escolheu o dia de S. Mateus, para enviar a sua remessa. Mateus foi testemunha e deu testemunho. E' por via deste Evangelista que nós hoje sabemos muitas coisas que Jesus fez e disse. A nossa procissão vagarosa e silenciosa, cada vez está mais enriquecida. E Braga. E Gondomar com trinta escudos. E um de algures. E o Porto. E mais esta carta.

Escrevo a V. para o fazer sentir de que já não moro na mesma rua, porque precisando de alugar dois quartos, o senhor, valendo-se da lei, deu-me ordem de despejo e fui obrigada a deixar a minha casinha e ir para um quarto. Como me encontro com 73 anos lembrei-me de ir para um dos Lares onde se recolhem senhoras de idade; mas encontrei tantas dificuldades que me obrigaram a desistir, encontrando-me por isso numa situação difícil, porque além de outros motivos, a família onde estou precisa do quarto encontrando-me aqui provisoriamente e vendo um futuro muito confuso nos poucos dias de vida que me restam e em que só a misericórdia divina me poderia valer.

Envio a V. com toda a minha boa vontade, a quantia de 50\$00 para a assinatura anual do jornal o *Gaiato* e mais 50\$00 para ajuda da tipografia e logo que me seja possível enviarei mais 50\$00.

E' de Lisboa. Quem chega aos setenta e três anos de idade, tem obrigação de ser mestre e os mais novos devem tomar conta das suas lições. Eu cá assim fiz. Como tivesse recebido uma carta sombria de quem esperava um auxílio importante para saldar a conta, que fiz eu? Enchi a carteira e fui por aí abaixo visitar, distribuir e consolar os tristes emparedados. Foi no Barrêdo e em outros sítios aonde nós conhecemos Emparedados e Emparedadas. Gosto deste termo; um dos doentes que eu visitei, estava dormitando com a cabeça encostada à pedra nua do seu casébre. Levei a carteira cheia. Cheinha. Para este ramente dos benefícios de grandes quintas com suas vacas leiteiras. Toda a gente, mas ali não se tem pensado assim. Uma coisa e outra no coração da cidade.

Não é por me gabar, mas cada vez gosto mais da ideia que me nasceu de não ir nem permitir que adultos vão ao encontro dos nossos visitantes. Eles não-de ouvir tudo dos rapazes ou não ouvem nada. E quer-me parecer que é justamente por causa disto, que não vem um dia ao mundo que os não tenhamos, e aos domingos são mundos.

Enquanto os senhores explicam mapas e métodos, eu transportava-me às nossas casas, com pena de não ouvir dos próprios lábios dos rapazes de Santos e de S. Paulo e do Rio de Janeiro, aquela palavra viva e graciosa que os nossos dizem aos nossos visitantes. Só na Baixada Fluminense é que não. Ali existe o abrigo dos rapazes da Obra de Cristo Redentor. São cinquenta prédios. Eu estive ai um dia com o Zé Eduardo. Os rapazes fizeram-nos uma grande festa. Zé Eduardo andou de bicicleta e fez um discurso e trinta por uma linha. Ali confraternizamos.

mal de me dizerem que não, só conheço este remédio de ir por aí abaixo dizer aos pobres que sim.

Eles usam a mesma linguagem.

Eles também dizem que sim.

Num dos casébres, a mãe do moço que estava doente, tirou duma gaveta uma toalha lavada para colocar sobre um banco aonde eu me havia de sentar. Pareceu-lhe que estava sujo, e não estava. Era a alegria. Era a sua generosidade. O que me não daria este pobre se tivesse que me dar, pois foi à sua gaveta e colocou ao meu serviço a melhor coisa que tinha! Em um outro casébre escuro e carunchoso, vêm três pessoas de candeeiro na mão, não fôsse eu tropeçar e cair pelas escadas abaixo; outra maneira eloquente de dizer que sim. Ainda em uma outra casa aonde a esposa é tratada e assistida pelo seu marido, nós choramos todos três, pelos efeitos saudáveis e eficazes duma visita oportuna.

E finalmente acabei a tarde ao pé duma velhinha que não queria que eu me viesse embora sem me contar mais uma história; e ela já tinha contado três. Que importa que o mundo diga que não, se nós temos este poder e esta santa liberdade de dizer que sim. E mais vinte da Borralha. E cem de Gaia. E outro tanto de Azemeis. E Cantanhede na mesma. E metade de Lousada; é um Sacerdote. E Ton-dela com cem. E cem do Porto; são de uma família aonde pai e filha assinam cada um o Gaiato. O Pai esteve aqui há tempos com a sua cota. E perguntado quem era, disse ser o *Jagódes*. Ontem esteve aqui com outra cota da filha. E de novo perguntado, responde da mesma sorte: *E' da filha do Jagódes*. Eu sei que eles são do Porto. Se houver ali alguém capaz de desvendar, eu muito gostaria de conhecer esta família misteriosa.

E um do Porto, *mais uma oportunidade de defender o dinheiro ... com a sua ajuda*.

E da Areosa com duzentos escudos. Assina-se uma *apaixonada da obra*. Tanto assim é, que ela foi arrancar o dinheirinho às algibeiras do pai, o qual é sócio duma tipografia; já é ter, paixão!

E Mesão Frio. E Samora Correia. E Viseu. Pela carta, são de uma professora e sua tia Adelaide, que conta oitenta anos e *morre pelo Gaiato*. E da Carregosa. E o pessoal do Grémio de Azeite com duzentos e quarenta escudos. Quem anda praí a dizer mal dos Grémios?! Eu cá não. Nós até estamos metidos nêles. O Júlio foi ontem ao Porto inscrever-nos. Também fez o mesmo na Caixa de Previdência. Chegou à noitinha com um grande envelope na mão e disse-me: *Venha ver a papelada do Estado Novo*. O Júlio é um grande entusiasta do Corporativismo. Um dia destes, estava um comício entre os operários das construções da aldeia a falar de sindicatos e a dizer que não. Júlio levanta a voz, vira-se para mim e disse-me que não acreditasse. Que a doutrina corporativista só vem a dar frutos daqui por dez anos. E disse e disse e disse. Aberto o envelope dos papeis, comecei a catar neles a ver se entendia alguma coisinha. Achei muito treze por cento dos salários, mas Júlio disse que não; *não tenha medo. Quem paga isto é o freguês*. Como somos bons amigos e estamos sempre à vontade, conversamos por largo tempo da nova doutrina social. A julgar pelos treze por cento da nossa pequenina indústria, quanto dinheiro não deve haver, ó Júlio, nas Caixas de Previdência! O Júlio explica e diz que sim. Que a missão das caixas é prevenir-se e consolidar, para responder mais tarde aos seus encargos. Eu ouvia tudo espantado. Ele acabou em Julho o seu curso comercial, gloriosamente. E' verdade que sim. Isto é naturalmente uma ajuda, mas os recursos de compreender e expôr, são dele. Também vai na procissão. Se não dá dinheiro, dá o seu saber e vai desancando aqui e ali os comicieiros. E um pai e filho, cada um na marca. Gosto muito de ver famílias na procissão. E dois devotos de Tentugal na marca. E uma de Oliveira de Azemeis. E a Maria da Luz com vinte e cinco escudos. E vinte do Porto. E um tipógrafo de Montemor o Novo. E Penedono, *de alguém que não se sentia bem se não ajudasse*. Ó Deus; dai remorsos! Dai remorsos ao mundo! Não é só esta procissão; também a vida quotidiana em todas as suas relações, precisa muito de homens de remorsos. E o Prior de Aviz. E 365\$00 de um visitante. E meia doze de S. Vicente da Beira. E da Guiné. Pedimos aqui à pessoa que nos escre-



# ISTO É A CASA DO GAIATO TRABALHO

**E**U caminhava e sentia-me perseguido por uns passos miudinhos. Voltei e ouvi a saudação: *Louvado Seja Nosso Senhor Jesus Cristo*. Não há nada mais cristão.

Quando estava no Rio, o senhor Arcebispo de Curitiba veio passar umas férias ao Mosteiro de S. Bento; as nossas celas eram próximas. Todas as manhãs Ele saudava daquela forma. Como eu lhe perguntasse se era costume da sua diocese, ouvi dizer que sim. Vem dos tempos da colonização. Foram os Jesuítas quem semearam. Gosto daquela saudação.

Era uma mulher de falas e de trajos modestos. Soubera que estava na vila e veio-me procurar. Começou até por me perguntar se eu era o Padre Américo. Fala-me duma criança abandonada com particular devoção. Foi direitinha aquilo que se não vê e ela vê; a alma. Ela importava-se muito com a alma do rapaz. Depois conta de como a mãe dele morreu, o que, pela história da sua vida, condiz perfeitamente com a verdade eterna; tal vida tal morte.

Isto era à beira mar. Gente que ia passando nem nos via nem nos escutava. Havia silêncio à nossa roda. A nossa mulher fixa os olhos no infinito e murmura humildemente e dolorosamente: *Esteve três dias por enterrar. Ela tinha sido mulher de todos...* As ondas espumavam ali ao pé. Eu rematei humildemente e dolorosamente: *Por isso nunca topou ninguém!*

Fizemos alto. Ela prossegue na sua aflição pela sorte do filho perdido, tocando sempre e em tudo a trelca que mais a impressiona; o lado espiritual. E para encurtar digo aqui que o rapaz deu entrada na nossa aldeia de onde se ausentou três dias depois. Ninguém ficou triste; ele volta. Ele regressa a seu tempo. Mas que o não faça, deu ocasião a esta doutrina sublime que todos nós saboreamos. É uma lição. *Esteve três dias por enterrar.* Espero que este número de «O Gaiato» venha a cair em mãos de quem possa ler e espremer e recuar porquanto, quer seja dos Casinos quer da Viela, todas podem correr o risco de ficar três dias sem sepultura. A igualdade não está nas pessoas, mas está nas circunstâncias.

**O** Avózinha. Este rapaz chama-se Domingos José Anjos que chegou à nossa aldeia em Novembro de 1943. Era um rapaz muito simpático e muito papudo. Deu-se-lhe lugar nas ocupações domésticas. Fez exame da 4.ª classe e passou a pronto. Não tivemos ocasião de conhecer neste rapaz nenhuma tendência má a não ser um bocadito lambareiro nos tempos em que era refeiteiro dos senhores; por isso mesmo perguntei aos professores e nenhum exitou na minha proposta de o colocar no Porto. Serviu uma casa e deu fraca prova, pelo que teve de recolher. Serviu outra casa e a prova foi muito pior; infidelidade. No próprio lar apanhava dinheiro aos companheiros. De uma vez que eu ali estava e dei trezentos e cinquenta escudos ao Marques para ele ir passar uns dias com a mãe, o Domingos, que deu fé, de noite vai-lhe à carteira e rouba-lhe metade. Felizmente foi visto e no dia seguinte regressou ao estaleiro e foi mandado para a turma dos do campo. Ao contrário do que sucede com outros, este rapaz não melhorou nada. Nasceu-lhe na alma outra tendência que não era de esperar pela natureza de trabalho que ora tinha; indecência de maneiras e de palavras. Nós não consentimos. Nós apertamos. E para se livrar destes são apertos, o Domingos resolve fugir. Não tem pais. Parece que tem uns tios. A estas horas deve andar vagueando pelas ruas do Porto e é muito possível que venha a dar matéria de execuções policiais.

Este rapaz não é único, mas é um caso muito raro, que oferece à gente campo de meditação. Alguns deles, pela mesma razão deste, são mandados dos lares da cidade para as nossas quintas e ali colhem melhoras consideráveis, chegando, até, à cura perfeita. Este que toma precisamente os mesmos remédios, piora do mal que trazia!

Se alguém sabe como se faz eu deixo aqui ficar o pedido da receita; e enquanto ela não chega eu vou resando baixinho.

**M**AIS fregueses da nossa tipografia. São cartões. Cartões de sociedade. Os nossos rapazes querem entrar na sociedade pela porta por onde entram os senhores e daí, desatam a mandar imprimir cartões. Ora queiram ler este:

*António Joaquim Fernandes*  
Carpinteiro Mecânico  
Casa do Gaiato Paço de Sousa

É o António do Bairro. Ele é o mestre dos carpinteiros. Parece-lhe pouco o ser carpinteiro e por isso junta a palavra mecânico: *Carpinteiro Mecânico*. É a propensão; a propensãozinha que cada um tem de se mostrar: *Carpinteiro Mecânico*. Que ninguém se admire de ver isto num rapaz de desanove anos. Noutra dia esteve aqui um senhor da minha idade. Deixou-me o seu cartão. Os seus títulos e predicados e profissões, enchiam-no de lés a lés. É muito difícil encontrar-se um homem que se saiba esconder. Muito difícil.

**O**RA tenham a bondade de observar mais este cartão

*Fernando Cid*  
Empregado de escritório  
Casa do Gaiato Paço de Sousa

É o Cid. Ele é de Tomar. Esteve em pequenino na casa de Miranda. Depois foi-se embora. Depois tornou a vir e trazia luzes de uma oficina de sapateiro, por isso mesmo entrou na nossa. Durante os primeiros anos tudo correu bem e o rapaz sabe fazer sapatos e eu muito contente com isso, pois que dentro em breve o mandaria tomar conta da oficina do Tojal ou de Miranda. Isto estava nos meus planos. Mas os rapazes deram-lhe votos nas últimas eleições; foi chamado à suprema chefia da aldeia. E desde aquela hora começa a fazer má cara ao ofício de sapateiro. É que não e que não e que não. Eu ateiava nos meus planos e dava-lhe conselhos e dizia-lhe que os sapateiros chamam-se agora industriais de calçado. De nada me valeu. O mestre não o aturava na oficina e eu coloquei-o na redacção. Pronto.

Não se fala mais no caso e hoje temos o senhor Cid como empregado de escritório.

**O**NTEM na capela e à oração da noite, por pouco que não houve uma grande bulha. É a campanha. A campanha que cinco vezes dá sinal no fim de cada mistério do terço.

Eu acho isto o movimento mais gracioso e mais natural da nossa casa, porquanto, todos nós em pequenos, nos recordamos de ter feito na mesma, se na verdade tivemos a feliz oportunidade de tocar sinos, sinetas, ou campanhas.

De sinetas não se fala. Temos uma tão linda na torre sineira da nossa capela e raras vezes funciona!

Padre Adriano, que tem muita habilidade, na minha ausência arranjo maneira de ela tocar. No dia da minha chegada do estrangeiro, a sineta deu sinal e durante algumas semanas chamava regularmente para os actos da capela. Mas isso acabou. Já não chama. Partiu-se a corda. Eles são mais de cem à espera da hora de tocar. Nada resiste.

**O** Maximiano veio-me ontem avisar que olhasse eu para o negócio da boroa; que os rapazes estragam muita boroa; que o dispenseiro não a sabe partir, e mais coisas me disse o rapaz acerca desta matéria importante.

O Maximiano é o nosso forneiro. Ele tem a sua conta o moínho e o forno. Eu amei com muito interesse a exposição, e admirei o interesse dele. Podia não se importar; podia deixar correr. Ninguém lhe dá nada pela sua aflição.

Muitos homens de barba na cara assim pensam e assim fazem. Talvez assim acontecesse se em vez do Maximiano, que é um filho, nós tivéssemos a cozer o pão um empregado.

**O** Botas. O Botas. Este é o nome mais gasto da nossa aldeia. Ele vive à roda do fogão; é ajudante dos cozinheiros... Sobretudo à noite, a horas de ceia, é que se ouve pronunciar o seu nome. Dzenas e dzenas de rapazes chamam por ele: O Botas.

A razão é simples e muito natural. Eu já disse muitas vezes, e com que amargura o não repito, que nós não temos meios de dar conduto à ceia a todos os rapazes. Damos aos do campo, aos das oficinas, a um ou outro mais fraco, e o resto comemos pão e caldo. Acontece que às vezes sobra qualquer coisa e é justamente por amor destas sobras, que o nome do Botas anda de boca em boca. *O Botas olha eu*. Mas eles não protestam por não terem igual aos outros. Eles sabem que não é por mal, e como antes não tinham nada, contentam-se com o pouquinho que ora lhes podemos dar.

Eu já aqui disse da minha pena ao ver a fatura no Brasil em casas semelhantes à nossa. Que esta minha pena se entenda por não poder dar aos meus uma coisa parecida ao que via os outros comer. Abundante e bem feito. Sobretudo o arroz é magnífico.

O Brasil produz muito de tudo. Dizem que ali há meios de vida para quatrocentos milhões de homens; a terra tem forças e recursos para dar de comer àquela multidão. Mal tu enganou-se nas contas...! todos os homens se enganam quando se metem a fazer contas que não são da conta deles.

**N**ÃO sei quem é que deu um assobio ao *Risonho*; o que eu sei é que é muito difícil viver-se agora aqui em casa. O rapaz trá-lo o peçoço. O som é estridente. Ele leva a vida a tocar.

Peço a todos os senhores e a todas as senhoras que mandem os assobios para outras terras.

**S**ÃO 6,30 da manhã e ouve-se o toque da sineta; é o Botas que o faz. Quinze minutos depois, são três pancadas isoladas; é o toque dos refeiteiros. E o Botas a chamar pelos refeiteiros. Nesta altura já eu me encontro na varanda da Casa-Mãe, mirante de angústias e de alegrias, e vejo os quatro refeiteiros a responder. *Aí vêm eles de suas*

casas e passam rentes à varanda aonde eu estou.

É o Gari, é o Joaninha, é o Figados e é o Norberto. A boroa foi cortada ontem à noite pelo pequenino dispenseiro e é esta boroa que os refeiteiros vão agora dispor, cada fatia ao pé de cada prato. Eu passeio na varanda. O ar da manhã é picante.

A mata empresta um fundo de maravilha à nossa aldeia. Estão a chegar as sete. Das janelas de todas as casas, sai a voz dos seus habitantes, ocupados nas orações da manhã. De onde estou oiço enleavado e contente. Bateiram as sete. Botas toca de novo para a mesa. *Aí vem a cena mais empolgante da vida da nossa aldeia*: a saída festiva dos rapazes das suas oito mansões.

Passam todos por mim, às lufadas. As mais variadas indumentárias. Tamanhos e idades também diferem. Indoles, caracteres, predilecções—nada é igual. Vem os arcos, vêm os piões, vêm as bicicletas de pau. Passam muitos de braços e pernas entapados; são os das criadelas. O Bonifácio de Tomar, vem da casa quatro, a mais longe de todas. Vem só num pé, aos saltos, e não é o mais atrazado. Perguntei-lhe. É uma creadeira respondeu e prosseguiu. Eu acho este nome supremo! Passam os Batatas; os mais pequeninos deles não raro vêm ao colo dos maiores. Passam os de saca a tira-col. Nós temos cá menino que põe a saca da escola à segunda e só a tira ao sábado. E vê-las nas obrigações e no refeiteiro e na capela de saca a tira-col! Finalmente, e mais vagarosos, passam os mestres; mestres das oficinas, chefes de turmas, maiores. Outras idades. Outras conversas, outros postulados. Tudo isto é natural, maravilhosamente natural.

Nós cumprimos a lei da natureza de preferência às leis impostas pelos chamados novos processos da pedagogia.

**E**RA noitinha. Nós íamos para o refeiteiro e um rapaz que na maré chegara, escondese na multidão e senta-se à mesa. É um completo e perfeito garoto da rua. Ele vem das ruas do Porto. Morava numa zona aonde é proibido o trânsito de menores...

Lá se vê dia e noite a sentinela protegendo a bem da nação—com letra pequena; da *naçãozinha*. O pequeno vagueava; pairava pelas cercanias e às tantas, muito depressa e com muito medo, comia o que lhe davam à porta duma certa casa. Era a mãe; *Eu não posso ser uma mulher honesta. Vivo na miséria e estou saturada desta situação*. Assim reza a carta que me foi dirigida e à qual eu respondi. Pela Graça de Deus, muito encostadinho a Ela, qualquer mortal poder erguer um irmão da lama sem se sujar. *Eu não posso ser uma mulher honesta*. Isto mexe com os alicerces.

Podé alguém não dar fé, por subtil, mas mexe. Mexe sim senhor.

A ceia decorreu na forma do costume; muita alegria e muito apetite.

No fim levanto a voz e pergunto qual dos chefes tinha em sua casa um leito vazio. Fêz-se uma pequenina pausa. O desabrigado cingira as suas mãos pequeninas à roda da minha cinta. A luz descia das lâmpadas. *Tenho eu*. O pequenino tecelão, que também é chefe de uma das nossas casas, tinha subido acima dum banco para fazer aquela comunicação: *Tenho eu*. E sem dizer mais nada, a transbordar e a comunicar alegria, chega-se à minha beira e cinje o recém chegado. Eles são da mesma altura, tiveram o mesmo berço e teriam a mesma sorte se não fosse a nossa obra. *Tenho eu*. Em cima a mentira oficial a fingir. Em baixo a candura. Estas notícias, por outra razão, também mexem os alicerces. Não há como os contrastes para nos fazer meditar. Se eu já antes amava o tecelão, quanto mais agora! Perguntei-lhe no dia seguinte, de como tinha sido a noite. *Remediou com dois cobertores, mas hoje já tem lençóis*. Também assim lhe fizeram quando ele cá chegou. Ele faz como viu fazer.

Plantai amor, ó homens, se quereis colher amor!

**E**STEVE aqui uma viúva com o filho pela mão; é de A'guas Santas. Têm este e mais três que ficaram em casa.

Vinha fiada, mas tornou a levá-lo consigo. Fez as horas do combóio em nossa casa, para não sofrer, entre outros que já tem, mais este desconforto de esperar na estação.

Esteve na rouparia, aonde as senhoras de casa lhe fizeram as honras; ela é uma viúva honesta.

A's tantas deu-se um pucaro de leite ao que havia de licar, e a mãe chora copiosamente enquanto o pequenino sorve. *Quem dera leite pró meu menino*. E lamenta-se de não ter quatorze tostões como ela mesmo confessa. *Ele é o gadinho por leite*, torna ela a dizer. Ontem, pela informação da viúva, tinham-se todos deitado com um goio de café. O semblante da criança ali presente, confirmava. Por tudo quanto aqui se diz, parece que foi uma crueldade e eu digo que não.

Trata-se de uma mulher sã, robusta, séria, e muito amiga de trabalhar; é mãe com capacidade moral de educar os seus filhos. Sendo assim, todos nós lhe devemos.

Todos nós estamos em falta para com ela, se não ajudamos. Todos quantos a ocupam devem remunerar o seu trabalho, não sómente em atenção a ela, mas sobretudo aos seus encargos necessários e direitos de viúva com quatro filhos. Não é tirar-lhe o filho; é dar-lhe os meios para que ela o faça cada vez mais seu.

Nunca imaginei que tão cedo havíamos de começar a colher na aldeia o fruto do nosso trabalho! Não me quero referir, evidentemente, ao lado financeiro, mas sim ao entusiasmo e estupenda alegria espiritual, que fazem um acontecimento e uma novidade, da nossa vida caseira. É o trabalho. *Eu sempre desejei uma organização de trabalhadores e não um abrigo ou refúgio de rapazes da rua*. Por seu lado e com raríssimas excepções, também eles desejam ser, em vez de abrigados ou refugiados, rapazes trabalhadores. É o trabalho. É a riqueza do trabalho.

Já aqui dissemos em um número derradeiro, que chegada a hora do correio, ai vêm escadas acima, até ao chamado meu escritório, Avelino e Júlio. Colocam o maço de cartas sobre a mesa de trabalho, perfilam-se um de cada lado da minha ilustre pessoa, fitam a carta que abro e exclamam efusivamente, esta é minha consoante à matéria que ela contém; se da tipografia berra o Júlio; se da redacção berra o Avelino. Mas ambos berram. É o desejo que todo o homem experimenta de comer o seu pão com o suor do seu rosto—mandado eterno!

Liquidada e despachada a hora da correspondência, retiram-se os dois atletas cada um para sua repartição, e ocupam as horas daquele dia nas obrigações que lhe dizem respeito. O Júlio perguntou-me há dias, como é que havia de fazer a contabilidade das nossas oficinas; se do tipo americano ou do clássico. Eu calei-me, mas ele pergunta de novo: clássico ou americano? Como eu gosto pouco da América e do que por lá se faz e diz, optei pelo clássico e o rapaz foi ao Porto adquirir os precisos. Já aqui dissemos que o Júlio acabou o seu curso comercial com alta distinção, mas o que ninguém sabe é que, começando ele a ser fígado por uma casa comercial na altura em que eu estava ausente, o rapaz respondeu que não: Eu sou do Padre Américo e sem ele regressar do Brasil nada posso fazer.

Eu quero aqui dizer ós senhores e às senhoras que, este moço, por mui nobre que seja de natureza, nunca chegaria àquelas alturas se não se sentisse querido e amado. Eu estou farto de dizer ao mundo que sómente o amor produz estes frutos e também estou farto de ver que o mundo ateiama em não fazer caso.

As encomendas para a tipografia, têm chegado justamente como se deseja; pouquinho e certo. Desta maneira temos ocasião de servir bem e de fazer nome. Qualidade. O que nós pretendemos é a qualidade e por ela nos havemos de acreditar. Mas o Júlio anda furioso. O Júlio quer furar. Quer que o deixe ir ao Porto procurar trabalho. Ele é espanতো. Há dias, estando reunidos alguns funcionários de certa casa, ele levanta a voz e declara que agora é o trabalho. Que é preciso que o Padre Américo deixe de mendigar. Mais nobresa. Mais conceitos altos. Mais sangue novo. E sabermos nós todos que tanto deste sangue, que é nosso, corre pelas veias dos caminhos, despresado!!

## CRONICA DA NOSSA ALDEIA

**1** Hoje houve um grande tribunal por causa dos carros de pau. Como os nossos rapazes ultimamente andassem todos a fazer carros de pau, o nosso tribunal deu a sentença de não poder circular mais automóveis daquela especie na nossa aldeia, por a costureira ter ido dizer ao Pai Américo que não podia mais. E que não dava vencimento. Que desde que houve esta coisa de carros na casa, o número de calças para pôr fundilhos tem aumentado tanto, tanto, que se o Pai Américo não proibisse, ela não sabia como havia de ser. Por isso a sentença do nosso tribunal, foi que os proprietários dos devidos carros, os fossem deitar ao forno para os queimar. E quem assim não fizesse estava sujeito a comer.

**2** Hoje, depois do jantar tivemos sobre-mesa. Foi marmelos cozidos. Como não tivéssemos açúcar para os fazer doutra forma, foi mesmo assim. Marmelos cozidos. Alguns repetiram segundo prato, outros porém só queriam a calda, porque era mais saborosa. Antes, também já tínhamos comido muito bem, e depois com a reaparição dos marmelos cozidos, foi comer até não querer mais.